



NEOLIBERALISMO: VENCENDO O *CONATUS* PELO CANSAÇO?

BENITO EDUARDO ARAUJO MAESO¹ E
JOSÉ MARCELO RAMOS SIVIERO²

RESUMO: O trabalho tem o objetivo de investigar as reflexões de Byung-Chul Han sobre o que se convencionou chamar de sociedade do desempenho e do cansaço, examinando a exploração dos indivíduos e a normalização de jornadas extenuantes de trabalho como criadores e mantenedores de um fluxo coletivo e incessante de paixões tristes. Sob o aporte de Espinosa, que entende as paixões tristes como diminuições ou coações ao *conatus* natural de todos os indivíduos, em primeiro lugar analisamos como o capital entristece os indivíduos para funcionar, e depois refletiremos sobre a necessidade de se elaborar vias de resistência e luta contra essa aniquilação passional dos afetos alegres. O que está em jogo é a absolutização da positividade como operador central do capitalismo neoliberal e, em contraposição, a concepção do próprio cansaço não como derrota ou resignação, mas instrumento de luta.

PALAVRAS-CHAVE: Byung-Chul Han; Espinosa; capitalismo; neoliberalismo; cansaço.

ABSTRACT: This essay aims to explore Byung-Chul Han's reflections on what has come to be called the society of performance and fatigue. For this author, it is necessary to examine the exploitation of individuals and the normalization of exhausting working hours as creators and maintainers of a collective and incessant flow of sad passions. With the help of Spinoza's conceptual background – the comprehension of sad passions as diminishments or coercions of the natural *conatus* of all individuals - we will analyze, first and foremost, how capitalism increases sadness in individuals in order to function, and then we will reflect on the need to develop ways of resisting and fighting against this passionate annihilation of joyful affections. What is at stake is the centrality of positivity as the operator of neoliberal capitalism and, in contrast, the conception of tiredness itself not as defeat or resignation, but as a tool for resistance.

KEYWORDS: Byung-Chul Han; Spinoza; capitalism; neoliberalism; tiredness.

¹.Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor da Residência Técnica e pós-graduação *lato sensu* em Gestão Cultural pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Atualmente é pesquisador de pos-doutoramento sobre política, fake news e subjetividade na FFLCH/USP e líder do Grupo de Trabalho e Pesquisa do CNPq Histórias das Filosofias (IFPR/UFPR/USP/CNPq). Doutor em Filosofia Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: benito.maeso@ifpr.edu.br.

²Realiza estágio pós-doutoral em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: sivierojm@gmail.com.

I would prefer not to (Herman Melville, “Bartleby the Scrivener”, “Bartleby, o escrivão”)

Parte-se de um fato incontestável: a máquina social, econômica e política capitalista atual, sob a nomenclatura de neoliberalismo, promove seus processos de obtenção de mais-valor a partir da exploração das pessoas em níveis nunca antes imaginados. É a partir da desintegração do trabalho, da subjetividade e da sanidade que se instala, entre as pessoas, um processo contínuo de violência neuronal, assunto explorado, por exemplo e entre outras e outros, pelo filósofo teuto-sul-coreano Byung Chul-Han, que caracteriza esta época como *imunológica*.

O objetivo deste texto é buscar efetuar uma torção espinosana nas análises correntes sobre o assunto, entendendo que as características principais desta época de capitalismo neoliberal especulativo e da própria violência neuronal, como a síndrome de *burnout*, o cansaço, a fadiga generalizada, o esgotamento mental e físico da força vital de cada um e de todas as pessoas – força que é exaurida pela máquina social do capital – estão relacionadas tanto à submissão do *conatus* pelo que é externo ao ser, visto que a vontade de perseverar sofre impacto direto das condições da contingência e da dureza do mundo, como a uma concepção de que as doenças causadas pelo capitalismo em sua faceta atual podem ser compreendidas como efeito de paixões tristes, assim como da agressão do mundo contra o indivíduo e deste ou desta contra si própria.

O inimigo agora é imanente, assim como a enfermidade generalizada de nossa época é portadora de uma plena (para não dizer absoluta) *positividade*, de forma que sua alteridade e estranheza, substituídas pela diferença, impedem que se o localize num local apartado do indivíduo. Positividade aqui não tem o significado produtivo que vemos no uso da palavra realizado, entre outros, por Deleuze: trata-se de uma exposição tão absoluta do real sem nenhuma espécie de nuances – ideia que ressoa o conceito de Espetáculo como apresentado por Guy Debord – que leva ao desaparecimento da dimensão reflexiva da ação e do pensamento, oculta por camadas e camadas de ideologia movidas pelo imperativo da ação contínua, mas sem a reflexão necessária.

Empresário de si mesmo e campeão por mérito, o proletário, o pequeno-burguês e até a massa do lumpen pós-moderno são também o burguês, o patrão, o supervisor, o chefe e o capataz de si mesmos e para si mesmos, quando não seus próprios fiscais e policiais, lotados, entretanto, em funções precarizadas e informais. Han identifica um excesso de positividade na qual

o excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. *Agressor e vítima* não podem mais ser distinguidos.

Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (Han, 2017a, p.30, grifo nosso).

O cansaço que prostra o fornecedor de vídeo para plataformas digitais, o editor e difusor de *memes*, o entregador e o motorista de aplicativos, o locutor de *podcasts* e o desenvolvedor de *games* manifesta a fusão dos terrenos do agressor e da vítima. Não há rival ou aliado claro; reina uma sutil labilidade entre amigo e inimigo. Anteriormente, até o século XX, a imunização, do desenvolvimento de vacinas ao teatro de operações bélicas, trabalhava na base da defesa, resistência, sítio e contra-ataque ao *estranho*.

A sociedade atual, regida pelos imperativos da ação e do desempenho, no entanto, parte do laboral, atravessa o psíquico e se torna uma totalidade. Nela, segundo Han, a massificação da positividade extrema desmonta o arcabouço da sociedade disciplinar³. Já que somos todos pequenas ou microempresas, essa atomização faz com que o discurso competente, como conceituado por Chauí⁴, ganhe um desdobramento inaudito: para além da exclusividade reservada à boca e às mãos do técnico e do especialista, hoje nos tornamos todos, mesmo sem formação, habilitação, fama ou qualquer arremedo de poder, técnicos e especialistas em tudo o que julgamos conhecer. Viramos empreendedores de tudo e também funcionários do nada e de ninguém.

O tormento imposto pelo indivíduo autorreferente que agride e cobra a si mesmo pode até mesmo ser aplicado a um programa político: sob o slogan *não fale em crise, trabalhe*, o governo Michel Temer (2016-2018) em conjunto com o MDB publicou o documento *Uma Ponte para o Futuro*, suposto plano de governo do gabinete que se impôs após o golpe parlamentar contra Dilma Rousseff, cujo preâmbulo fala de "preservar a economia brasileira e tornar viável o seu desenvolvimento, devolvendo ao Estado a capacidade de executar políticas sociais que combatam efetivamente a pobreza e criem oportunidades para todos" (2015, p.2) através do "entendimento", "cooperação" e "consenso" (ainda que "transitória" e "circunstancial", palavras registradas no próprio documento, o que evidencia o oportunismo de toda positividade). A exortação que finaliza a primeira página proclama que "a nação já mostrou que é capaz de enfrentar e vencer grandes desafios. Vamos submetê-la a um novo e decisivo

³ Para Han (2018, p. 26), "o poder disciplinar ainda está completamente dominado pela negatividade. Ele se articula de forma inibitória, não permissiva. Devido à sua negatividade, não pode descrever o regime neoliberal que reluz na positividade".

⁴ A ideologia da competência, para Chauí, é uma operação discursiva e social na qual é tirado das pessoas o direito ao debate, concentrando-o nas figuras da organização. Sua lógica sugere que somente determinados atores sociais, grupos ou pessoas que ocupam certas posições de poder na sociedade têm legitimidade de discurso. Quem *ocupa* o poder *possui* poder pois *sabe*. Quem sabe, sabe por *deter* o poder. O resultado é a hierarquização social-intelectual.

teste" (2015, p.2). A sociedade do desempenho ou do cansaço é pautada pela constância e onipresença de testes e desafios, pois sua positividade, a custo de não sucumbir à negação, precisa ser ininterruptamente alimentada.

Apesar de crítico à administração da máquina pública, o documento joga a conta de uma suposta bancarrota da sociedade brasileira para a própria população, observando que

sua solução será muito dura para o conjunto da população, terá que conter medidas de emergência, mas principalmente reformas estruturais. [...] É também uma tarefa quase heroica que vai exigir o concurso de muitos atores, que precisarão, pelo tempo necessário, deixar de lado divergências e interesses próprios, mesmo que tenham que retomá-los mais adiante (2015, p.5).

O manifesto representa sob outro léxico a violência neuronal: o problema é o todo da sociedade brasileira, que padece de problemas que ela própria criou. O sofrimento laboral num primeiro momento é necessário, no outro, inevitável. Mais uma vez, a imanência entre explorador e explorado.

O sofrimento laboral tem como categoria fundamental a imanência da patologia. O explorador do próprio desempenho se reduz a *animal laborans*⁵. É refém da sobrevivência. Está fraco, impotente e servil. Teme o fracasso, a falência, a insuficiência, a decepção com as próprias capacidades, a vergonha perante os círculos sociais. Esse complexo de paixões ou patologias, variações da tristeza, remetem à teoria dos afetos de Espinosa, concentrada em especial na parte III da *Ética*, em que os afetos são ponderados e calculados conforme aumentam ou diminuem a potência.

Porém, em Byung-Chul Han, a positivação absoluta do sujeito autoexplorador vai muito além da contraposição entre o *animal laborans* e o sujeito que exerce a *vita activa*. Ambos se impossibilitam e se anulam justamente pela supressão da reflexão (chamada pelo autor coreano, de modo bastante hegeliano, de “negatividade”) necessária a todo agir humano e ao trabalho de tecelagem da vida e da história. Nessa situação, "o homem [pós] moderno [...] estaria passivamente exposto ao processo anônimo da vida" (Han, 2017a, p.41), uma vez que o agir se reduziria unicamente ao trabalho para subsistência, ou ainda de exploração e predação, e ainda ao trabalho mecanizado e calculado, orientado por expectativas de rendimento. Mas esse "*animal laborans* pós-moderno não abandona sua individualidade, ou seu ego para entregar-se pelo trabalho a um processo de vida anônimo da espécie. A sociedade laboral individualizou-se numa sociedade de desempenho e numa sociedade ativa [que não é *vita activa*]. [O sujeito] pode ser tudo, menos ser passivo" (Han, 2017a, p.43).

⁵ “O homem depressivo é aquele *animal laborans* que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha”. (Han, 2015, p. 16)

Mas a sociedade do cansaço é não apenas pontuada, mas escorada nos oxímoros, da lógica ao imaginário: ela produz uma vida *ativa*, mas que difere do potencial miraculoso e libertador do conceito arendtiano. Essa atividade incessante de autoafirmação, renovação e acumulação dos frutos laborais coloca o sujeito numa abertura total ao objeto de suas metas, de forma que toda sua vida (física e mental) é investida em sua direção, e até mesmo as tarefas mais mezinhas, como o hobby do descanso ou as pausas durante a jornada, são agenciados para o cumprimento da meta ou a sua superação progressiva. Superatividade (movimento além do suportável), hiperatividade (pró-atividade em excesso) e ultra-atividade (acumulação expansiva para além das capacidades, sem um limite ou teto, *plus ultra*, como figura no lema do império colonial da Espanha) se sintetizam numa "forma extremamente passiva de fazer, que não admite mais nenhuma ação livre. Radica-se numa absolutização unilateral da potência positiva" (Han, 2017, p.58), isto é, no profissional liberal ou proletário em perpétuo *alterius juris*, com a potência coibida, na máxima inconveniência, em termos espinosanos, na exterioridade total da causa de seus afetos.

É o mesmo padecimento o da figura do homenzinho de Chaplin (o "Carlitos" brasileiro ou "Charlot" francês) atado à linha de montagem e à máquina de alimentação automática e o do escriturário de banco que precisa vender títulos de capitalização e linhas de crédito em quantidades exorbitantes para clientes que não existem, tendo de atender a uma demanda impossível. O domínio da meta irreal, ou do *Se vira!*

Esse trabalhador que sofre pela própria exploração e a doença imanente neuronal do esgotamento devem ser inquiridos sob as lentes de Espinosa, pois a presença de elementos imanes conduz (talvez escamoteie) nosso problema para uma investigação filosófica através de outros instrumentos de análise. Do contrário ainda estaríamos refletindo com as ferramentas já defasadas da época imunológica.

Imanência do sofrimento e desarranjo afetivo

Cabe a pergunta: por quê, sabendo-se vítima e algoz ao mesmo tempo, introjetado com o *ethos* e as artimanhas do empregador ou do cliente abusivo, o sujeito aceita toda essa carga de sofrimento? A resposta mais direta e óbvia seria a sua sobrevivência e a subsistência familiar, principalmente no que diz respeito às mais básicas necessidades materiais. No entanto, mesmo em casos em que a miséria não é uma ameaça ou realidade imediata, sobressaem operadores como a ideia de *meritocracia*, ou do sucesso pelo *esforço pessoal*, ou ainda a expectativa de que, batendo metas muito além do lucro projetado ou destacando-se em meio a uma equipe, a

preço de muito sacrifício (sempre pessoal e individual, jamais coletivo), num contexto de competitividade extrema e desregrada, tais operadores plasman na prosperidade material e no acesso amplo a bens de consumo e conforto o sucesso como finalidade última, praticamente transcendente, do cansaço e do estresse laboral. Byung-Chul Han não apresenta claramente a teleologia que guiaria e justificaria a exaustão, mas há implicitamente nessa jornada de transformação do suor em ouro uma superstição operante, entendida segundo seu conceito exposto no Apêndice da Parte I da *Ética*.

Espinosa fundamenta essa imagem através de um preconceito antropocêntrico calcado no desconhecimento causal, consequência natural da finitude modal do ser humano. Os seres humanos, num primeiro momento “ignorantes das causas das coisas, [mas que] [...] têm o apetite de buscar o que lhes é útil, [...] donde sempre ansiarem por saber somente as causas finais das coisas realizadas e sossegarem tão logo as tenham ouvido” (Espinosa, EI, Ap., 2015, p.113) tendem a imaginar esse *útil* que seria a base e o fim do que consideram o bem, isto é, aquilo que lhes sacia o apetite e motiva a sua própria busca. A consequência dessa desmedida no imaginar redundante, evidentemente, em superstição e fanatismo: os sujeitos que ignoram as causas tanto de seu sucesso quanto de seu fracasso, ou de seu estresse desumano na profissão ou da falta de reconhecimento e promoção por parte dos superiores, inventam maneiras de cultuar deuses, o que, traduzido o enunciado espinosano para uma linguagem atualizada (trocando Deus por “mercado” ou “sucesso” ou ainda “mérito”), ritualizam a jornada exploratória como uma das “diversas maneiras de cultuar Deus para que este lhe tivesse afeição acima dos demais e dirigisse a natureza inteira para uso de seu cego desejo e de sua insaciável avaréza” (Espinosa, EI, Ap., 2015, p.113). A causa final desta forma contemporânea de exploração seria a ideia de uma compensação proporcional ao desgaste físico e mental do cansaço. O que é exatamente o contrário do que sugere uma doença neuronal. Na sociedade de desempenho, o suposto efeito da jornada extenuante, o sucesso profissional, a prosperidade material e a fama social são na verdade a causa radical dessa jornada. Como toda superstição, há inversão de causa e efeito pela via imaginativa. Com efeito, “essa doutrina da finalidade inverte inteiramente a natureza. Pois o que é de veras causa, considera como efeito, e vice-versa. O que é primeiro por natureza, faz posterior. E ao cabo, o que é supremo e perfeitíssimo, torna-se imperfeitíssimo” (Espinosa, EI, Ap., 2015, p.115). Algo tão absurdo e indemonstrável como retratar um Deus dotado de caracteres humanos, padecendo de afetos, rebaixando-o de substância a modo. Levando-se em conta que “a natureza não tem para si nenhum fim prefixado e que todas as causas finais não são senão humanas ficções” (Espinosa, EI, Ap., 2015, p.115),

podemos pensar a positividade extrema, a autoexploração e o cansaço da sociedade de desempenho como essas mesmas ficções. Nem mesmo o lucro e a rentabilidade podem ser considerados fins; o estresse, a depressão, a ansiedade e o sofrimento são fins em si mesmos. O cansaço não é apenas imanente, mas autoimposto. Na ânsia de engajar cada átomo de força de trabalho em mão-de-obra, e sem um adversário, rival ou inimigo para se voltar contra, resta apenas oprimir a si mesmo.

O desempenho é essa economia da tristeza, que precisa diminuir a potência para aumentar o rendimento. O sofrimento laboral nas categorias profissionais do século XXI, ao contrário dos operários nas fábricas e dos servos nos campos, vem de dentro.

O balancete das paixões tristes

Reportemo-nos à Parte II da *Ética*. A relação que corpo e mente estabelecem enquanto atributos da Substância pode esclarecer a complexidade da doença neuronal: tanto sob o ponto de vista de cada coisa singular quanto da ordem em que estas se encadeiam, o cansaço gera correspondências físicas e mentais que terminariam por operar uma diminuição, coação ou bloqueio da potência de cada indivíduo, visando à sua subordinação e padecimento a causas inadequadas. Mas uma novidade atroz se impõe: os corpos que obstruem o sujeito do cansaço, em grande proporção, são os mesmos que formam seu organismo. Assim, seria possível supor que os afetos tristes, imanentes ao organismo individual e a todos os corpos que o formam, não são somente fruto de algo externo, mas principalmente (e com mais intensidade) uma reação interna do organismo, mais violenta que a afecção vinda de fora

Como a ontologia espinosana é caracterizada pela ausência de um finalismo transcendente, de uma causalidade final absoluta ou de qualquer forma de teleologia, seria possível interpretar esta característica de uma maneira um tanto *avant-garde*, mas instigante: o desarranjo do organismo pode ser fruto do mau funcionamento de suas peças quando estressadas a níveis desenfreados de movimento e intensidade, mesmo que tal superaquecimento venha de seu interior.

Isto seria, então, uma questão econômica⁶ compreensível também em uma acepção biofísica, na concretude do corpo humano. Leiamos os axiomas e lemas da Parte II na sequência da Proposição XIII. Levando-se em conta que “quanto mais um Corpo é mais apto do que outros para fazer [agir] ou padecer muitas coisas simultaneamente, tanto mais a sua Mente é mais apta

⁶ Compreendendo-se, aqui, economia em seu sentido essencial, como “ordem ou regularidade de uma totalidade qualquer, seja esta uma casa, uma cidade, um estado ou o Mundo” (Abbagnano, 2007, p.350). No caso em questão, a regularidade do funcionamento do corpo.

do que outras para perceber muitas coisas simultaneamente” (Espinosa, PII, Prop. XIII Esc., 2015, p.151), deparamo-nos com o problema de que, numa situação de estafa ou ansiedade, corpo e mente padecem justamente por serem muito aptos para desempenhar várias ações e terem várias ideias e percepções em simultâneo, num ritmo frenético. Apesar da doença neuronal exprimir uma autoagressão, ainda é preciso reconhecer que há um fator de pressão externa que desencadeia a busca desmedida pelo desempenho. Na sequência do argumento se constata que “quanto mais as ações de um corpo dependem somente dele próprio, e quanto menos outros corpos concorrem com ele para agir, tanto mais apta é a sua mente para entender distintamente” (Espinosa, PII, Prop. XIII Esc., 2015, p.151), e disso pode-se deduzir que a própria organização do trabalho atual, centrado em metas excessivas, resultados imediatos e competitividade extrema, fornece um primeiro impulso para que o sujeito estenda a lógica laboral para todos os setores de sua vida, e com isso procure incrementar um desempenho ilimitado. É preciso compreender, no entanto, como essa correlação de forças é assimilada. Analisando em profundidade o Lema II (*Todos os corpos convêm em algumas coisas*), o III (*Um corpo em movimento ou em repouso deveu ser determinado ao movimento ou ao repouso por outro corpo, que também foi determinado ao movimento ou ao repouso por outro, e este por sua vez por outro, e assim ao infinito*), em conjunto com o Axioma I (que, em seu enunciado, postula que *um só e o mesmo corpo é movido diferentemente conforme a diversidade de natureza dos corpos moventes*), é possível afirmar que, sem um mecanismo de imunidade, a doença neuronal opera por um escalonamento e uma distribuição generalizada de afetos tristes.

Mas, para que haja essa distribuição de forças opressivas, é preciso considerar que os corpos e mentes se distinguem por variados graus de densidade. Os gradientes de potência expostos por Espinosa permitem pensar o conceito de modificação, em que o concurso das forças não altera a essência de sujeitos e coisas, mas lhes imprime uma modificação, como um acidente que danifica a matéria. Remetendo ao Axioma III, concluímos que

Quanto mais as partes de um Indivíduo ou corpo composto aderem umas às outras segundo superfícies maiores ou menores, tanto mais difícil ou facilmente podem ser coagidas a mudar sua situação e, por consequência, tanto mais difícil ou facilmente pode ocorrer que o próprio Indivíduo assuma uma outra figura. E por isso, chamarei *duros* aqueles corpos cujas partes aderem umas às outras segundo grandes superfícies; *moles*, aqueles cujas partes aderem umas às outras segundo pequenas superfícies; e, enfim, *fluidos*, aqueles cujas partes se movem umas por entre as outras. (Espinosa, PII, Ax.III, 2015, p.157, grifos do autor)

A existência de diversas *superfícies* de contato institui graus de alteridade; é o que, entretanto, se perde ao fazer o salto da doença bacteriológica para a neuronal. Sem a perda dessas bordas, limites e margens, é impossível determinar a consistência dos corpos que se chocam. O sujeito do desempenho é *dissolvido* em meio à exploração laboral e, disperso na massa amorfa, cai numa situação em que não consegue identificar agentes e pacientes do

sofrimento. O mal-estar não é geral, é *total*. A letra do Postulado V, que precisa que “quando uma parte fluida do Corpo humano é determinada por um corpo externo a atingir amiúde uma outra mole, ela muda a superfície desta última e como que imprime nela alguns vestígios do corpo externo que a impeliu” (Espinosa, PII, PV, 2015, pp.161-163), reclama um adendo: se toda superfície é abolida, se os corpos já não possuem figura, a mudança se propaga até as mais ínfimas partes e, sendo homogeneizada ao extremo, desaparecem as linhas demarcatórias entre externo e interno⁷. Por isso surge a imagem do empresário de si mesmo, vindo de uma massificação que é também uma totalização.

O desempenho é esse movimento cego, em que o cansaço se torna denominador comum tanto do movimento quanto do repouso. Repousa-se para compensar o cansaço, movimenta-se para interromper o cansaço. É preciso, então, repensar a resistência nesse terreno nebuloso e pastoso.

Diferenças e duplicidades das positivities e negatividades

Se tais dinâmicas entre pausa e ação estão tão profundamente implantadas e operativas nos corpos individuais e sociais, a questão sobre a natureza das formas de resistência (seja ativa ou passiva) a este regime de afetos e procedimentos promotores e estimuladores de sofrimento torna-se central a este estudo.

Para Espinosa, o tirano constrói seu poder a partir das paixões tristes que perpassam indivíduos e sociedade, de uma tristeza coletiva que pode ser entendida como a diminuição do *conatus* individual e da potência da *multitudo*. Já no Prefácio do TTP se define que “o medo é a causa que origina, conserva e alimenta a superstição” (Espinosa, TTP, 2008, p.6), via de regra, consequência natural da mecânica afetiva da tensão *sub specie durationis* entre paixões de medo e esperança. Afecções se dão, como fenômenos naturais termodinâmicos e cinéticos, em variada gradação. No âmbito coletivo, essa oscilação anímica massificada se observa quando o “o vulgo

⁷ Segundo Han, há uma mudança histórica no registro da violência inserida dentro das civilizações. Tal inflexão salienta ainda mais o apagamento dessas linhas demarcatórias. Na Antiguidade (e também na Idade Média) existe o que Han chama de *sociedade do sangue*, em que a violência está apartada do corpo social, na qual “os conflitos eram eliminados pelo emprego de força (*Gewalt*), isto é, de chofre. Ali, a violência exterior alivia a alma, pois ela externaliza o sofrimento (Han, 2017b, p.15), o que a relaciona à *catarse*; pensemos, por exemplo, nas tragédias gregas, no circo romano e nos autos de fé da Europa católica e de suas colônias. Com a Modernidade (que se estende até a pós-modernidade, adentrando nossa época e ainda vigente), a violência assume *formas intrapsíquicas*, em que a violência “desloca-se do visível para o invisível, do direto para o discreto, do físico para o psíquico, do marcial para o medial e do frontal para o viral. Não se dá confrontação, mas contaminação; não se dá ataque aberto, mas infecção oculta” (Han, 2017b, p.21), operação que é padrão no capitalismo neoliberal. A violência perde concretude e ganha em abstração: hoje os inimigos são “ideologias” dedicadas a destruir a “liberdade”, a “pátria”, a “família” etc, e não se busca o trabalho para a subsistência, mas porque se acredita em “sonhos” e “destinos”. Essa mudança recortada por Han é o próprio desvanecimento dos limites de interior e exterior, ou a confusão dos papéis de chefe e empregado.

persiste na sua miséria [porque] é que nunca está por muito tempo tranquilo e só lhe agrada o que é novidade e o que ainda não o enganou” (Espinosa, TTP, 2008, p.7). Do sacerdote cujos dons insólitos são apregoados como delegados por Deus ao patrão ou chefe subalterno que se investe de habilidades e competências supostamente cultivadas a partir da diligência profissional, impera uma mesma dinâmica de assombro e admiração, seguida da emulação por parte de seus subordinados: o que lhes interessa no desempenho laboral “é manter os homens enganados e disfarçar [...] o medo em que devem ser contidos para que combatam pela servidão como se fosse pela salvação⁸” (Espinosa, TTP, 2008, p.8). Entenda-se como salvação o conforto material, a mínima dignidade necessária dentro duma sociedade organizada pelo capital, a fama e o reconhecimento sociais por parte da comunidade e o apartamento da indigência e do lumpem. O tirano, disseminado desde os grandes operadores do capital até o funcionário investido de pequenos poderes, usa o *medo* (seja da falência como do risco à vida, assim como o medo resultante da consciência de que o indivíduo vive em permanente estado de fragilidade social) como mote para que se efetivem abusos laborais, como a informalidade, a precarização, jornadas extenuantes, bancos de horas, contratos intermitentes, competição desenfreada ou a pura e simples ideia de que o fracasso é consequência da falta de esforço e mérito do empregado e o sucesso é puramente sua obrigação e a cota mínima de resultados esperados. Trata-se de um tirano mais sutil, mas não menos eficiente.

De forma análoga, o domínio da lógica capitalista sobre as paixões, ou seja, sobre o fluxo de produção e direcionamento de desejos, opera tanto no direcionamento destes como na produção do espaço para o qual os desejos se direcionarão, gera estados de sofrimento que são apenas parcialmente preenchidos com o gozo do consumo, permanecendo um resíduo (ou um vácuo) cuja impossibilidade de resolução produz este estado de angústia e insatisfação. O capitalismo é produtor de paixões tristes cuja manutenção é o principal mecanismo para fazer corpos e mentes mais dóceis e mantê-los desejantes dos bens e estilos de vida associados a estes. A produção das paixões tristes conduz à impotência generalizada, nos leva a sucumbir aos desejos daqueles que exploram e se alimentam de tais paixões para fundar e ancorar seu poder. Se é fato que, conforme salientado por Han (2015, p. 7 e 16) a depressão, o TDAH, o *burnout* e o cansaço/tédio são as doenças que caracterizam a fase atual do capitalismo. Há certo

⁸ Espinosa e La Boétie articulam-se admiravelmente neste trecho: ao segundo, o motivo pelo qual combatemos em prol de nossa submissão reside, entre outras coisas, no desejo de que possamos também, em algum momento, sermos servidos pela opressão alheia (nem que seja, trazendo o tema ao debate proposto por Han, a opressão de si mesmo a partir da clivagem entre um Eu que comanda e um Eu que obedece, na qual extrairmos o prazer do fato de podermos oprimir a nós mesmos). Espinosa entende que o processo interno e o processo externo de opressão operam em retroalimentação, tendo o medo como fonte geradora de força. Gera-se uma força de perseverança que paradoxalmente faz-nos perseverar na situação de sofrimento.

paralelismo entre o neoliberalismo como modo de vida que caracteriza a atualidade, gerador de constante violência “neuronal” (Han, idem, p. 7) e as tiranias descritas por Espinosa como efeitos práticos do medo, da superstição e dos afetos tristes e que corroem, por dentro, a ideia de um estado de sociedade no qual a liberdade possa vicejar – um outro tipo de violência psicossocial. Han (2017b, p. 244) irá observar, argutamente, que “onde agressor e vítima coincidem já não é possível haver resistência”. O sentido desta afirmação é cristalino: como é possível resistir a si mesmo, a este embaralhamento de papéis que, ao final ocorre no corpo do indivíduo, sem que isso resulte em uma profunda cisão de personalidade⁹? Não é uma luta entre antagonistas, ou uma luta de classes apenas: a paradoxal oposição de servir voluntariamente, seja ao sistema, ao tirano ou a nós mesmos, é elemento constituinte de todas e todos nós.

Onde existem os espaços de resistência?

A pergunta central, então, se mostra sem ilusões ou falsa consciência¹⁰, ainda que seja profundamente ideológica: de que forma nossa própria ação enquanto indivíduos “livres¹¹” nos obriga a nos afastarmos da liberdade e da produção das paixões alegres em nome de uma garantia ou afirmação da própria liberdade supostamente almejada? Se abrigamos em nosso interior, simultaneamente, o que nos escraviza junto ao que deveria resistir a tal processo, somos

⁹ Deleuze e Guattari, ao conceituarem a organicidade da imbricação entre capitalismo e esquizofrenia, apontam esta como uma linha de fuga em relação aos modelos de pensamento totalizantes que caracterizam o primeiro. A esquizofrenia, para os autores, é a liberação plena dos fluxos de desejo, quando o capitalismo não consegue mais impor e internalizar nos indivíduos seu sistema de limites e controle do desejo. Mas o que passa batido por muitos leitores destes autores franceses é que o movimento de captura e imposição de limites gera e é gerado, também, pela cisão interna que sedimenta as estruturas totalizantes, pois o desejo de ser oprimido – ou da auto-opressão – também é um desejo que comanda indivíduos. A operação psicossocial e discursiva na qual o indivíduo é empoderado com a liberdade para se oprimir somente funciona por ecoar algo que, de certa forma, já reside no ser. Também é esquizofrênico o indivíduo ser ao mesmo tempo o lobo e a ovelha de si mesmo, logo isso pode ser entendido como uma “linha de fuga” em direção à prisão de si. Veremos isto mais adiante.

¹⁰ Contra certa pobreza conceitual aplicada pela tradição da teoria política ao termo ideologia, este não pode (e nunca foi) simplificável à ideia de uma falsa consciência que impede aos oprimidos enxergarem as relações de poder por meio das quais são escravizadas e escravizados. Já em Marx encontram-se ao menos quatro significações para o termo, dentre as quais a que nos interessa sobremaneira e que é acompanhada e expandida por Theodor Adorno e por Marilena Chaui: a “organização de opiniões, atitudes e valores” (Adorno, 2020, p.73) que cimta as relações humanas e “um conjunto lógico, sistemático e coerente, de representações (ideias e valores) e normas ou regras de conduta que indicam aos membros da sociedade o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer” (Chaui, 1981, p. 11). Tais definições ressaltam duas características fundamentais da ideologia: operar objetivamente e subjetivamente de forma simultânea e funcionar de forma lacunar, ou seja, o fato das suas ligações mentais e práticas se darem sem a necessidade de explicitação – ou exatamente por isso (cfe. Chaui, 2016, p.247).

¹¹ Ainda que a ideia da liberdade, ou seja, ser o “servo de ninguém” (Chaui, 2013, p. 18), seja tão pouco compreensível em uma sociedade na qual a liberdade é propagada como um imperativo ou ordem, como obrigação, seja na relação com os e as demais como na relação d@s indivíduo@s consigo mesm@s.

nós, os próprios indivíduos que acabam por se agredir, por se coagirem a serem livres dentro do parâmetro social e individualmente referenciado como absoluto.

Em Han, a possibilidade de resistir ao imperativo das paixões tristes, que tornar-se-iam dominantes a partir do ciclo do cansaço, da pseudo-positividade extrema e da sobrecarga de sofrimento e estímulo, reside em um movimento que não deixa de ser ativo, ainda que o autor o defina como negativo: o trabalho do pensamento e da reflexão contra a falsa imediaticidade imposta pela sociedade de desempenho, uma imediaticidade mediada pelos códigos do capitalismo, da autoexploração e da repressão das potências em prol do rendimento. Tal trabalho de estranhamento de si em relação ao tecido social e a si mesmo requer o manejo do tempo (tempo de reflexão, tempo de contemplação): a desaceleração do eu em relação às exigências do Eu social e laboral. É um trabalho negativo não por ser pessimista ou triste, mas por ser a ação da recusa ao estado de coisas vigente¹² (no caso, o estado de angústia que diminui o *conatus* sob a capa de uma “positividade” ou estímulo constante e artificial para os indivíduos).

A tirania, tanto individual quanto coletiva, dos corpos tristes e mentes impotentes, pelo avesso, traz ao estofado do grande tirano uma fraqueza que ele não demonstra performativamente: tirano e tiranizados são igualmente esmagados pela inação da depressão. Ela, na definição de Han em *Agonia do Eros*, “é uma enfermidade narcísica. O que leva à depressão é uma relação consigo mesmo exageradamente sobrecarregada e pautada num controle [individual e coletivo] exagerado e doentio. O sujeito depressivo-narcisista está esgotado e fatigado de si mesmo [e dos outros]. Não tem mundo e é abandonado pelo outro” (Han, 2017a, p.10, grifos do autor). A positividade extrema coagula o movimento da mente e deixa a história e toda a práxis nela envolvida estagnada¹³. A tirania é fraca, doentia, deserotizada, apática, miserável, avara, viciada

¹² Há certo diálogo possível entre o conceito chauniano de contradiscurso e a sugestão de Han sobre a polissemia conceitual da ideia de cansaço. O contradiscurso teria efetividade contra o ocultamento das realidades não pelo preenchimento da coerência que supostamente falta ao discurso ideológico, mas pelo reconhecimento das fraturas, buracos e contradições deste discurso que permitam desde dentro produzir sua contradição e o desmantelodesmantelamento de suas ideias, ou seja, segundo Chauí, “encontrando uma via pela qual a *contradição interna* ao discurso ideológico o faça explodir” (2013, p.139). Já Han aponta a possibilidade de que, contra uma sociedade viciada em desempenho que mantém seus componentes à beira da exaustão como forma de obter máximo valor, seja possível algo como uma atitude exausta, uma recusa ao desempenho que seria simbolizada pela decisão *livre* e consciente de *não fazer*, a potência negativa, desatrelada dos fins e do desempenho. Não se trata de negar a existência da potência positiva, mas sim de deliberadamente não compactuar com seus imperativos, numa *práxis* de ação reversa, o que, para ele, é possível por meio do trabalho reflexivo do pensamento-ação-também apontado por Chauí.

¹³ Há nessa positividade orientada para a produção o embotamento de qualquer pensamento reflexivo ou crítico. Quanto à dificuldade de se produzir uma filosofia sem se sujeitar à produtividade e ao pragmatismo mais rasteiros e primários, Renaud Barbaras apontará o inevitável problema contemporâneo da mercantilização do pensamento, ainda mais exacerbado em nossa época com a visibilidade e a hegemonia dos *digital influencers* (eles também vítimas e algozes da violência laboral do cansaço): “a consequência disso é que qualquer atividade, inclusive no

no desempenho. É tristeza imanente, movimento tolhido, mas que pela luta anímica e pela mecânica da perseverança no ser pode ser combatida. É possível um caminho para transformar o sofrimento laboral em metabolismo da natureza e trabalho de resistência, da criação de uma paradoxal (neg)atividade positiva¹⁴ (por ser um movimento de contestação desta falsa positividade extrema que associa o perseverar ao consumo).

Espinosa aponta, por seu turno, a importância de não sermos controlados pelas paixões tristes – ou seja, não sucumbirmos ao tirano. Como isso seria possível? Pela destituição das paixões tristes de seu papel central na organização da vida e da comunidade. Para o autor luso-holandês, isso seria visível e possível no desejo e na necessidade da organização do estado civil

Dado que os homens, como dissemos, se conduzem mais pelo afeto que pela razão, segue-se que não é por condução da razão, mas por algum afeto comum que uma multidão se põe naturalmente de acordo e quer ser conduzida como que por uma só mente, ou seja (como dissemos no art. 9, cap. III), por uma esperança ou medo comuns, ou pelo desejo de vingar algum dano comum. Como, porém, o medo da solidão existe em todos os homens, porque ninguém na solidão tem forças para poder defender-se e reunir o necessário para a vida, segue-se que os homens desejam por natureza o estado civil, não podendo acontecer que eles alguma vez o dissolvam por completo. (Espinosa, 2009, TP, Cap. VI, § 1, p. 63)

Como as paixões alegres surgem em nós a partir de causas externas, é do encontro entre corpos, mentes e pessoas, de forma livre e no mundo, que se criam as condições e as forças para romper o império da impotência. Mas na sociedade atual, há uma espécie de reorganização maléfica do aparelho passional humano. O medo, como lemos no TP, pode e deve ser usado de forma moderada como um remédio contra as sedições a que todo estado está sujeito: “quem procure evitar inconvenientes ao estado deve aplicar remédios que *convenham* à natureza deste e que possam deduzir-se dos seus fundamentos” (Espinosa, TP, 2009, p.130, grifo nosso). Ora, tais remédios (como o medo do rigor da lei ou da necessidade vital do afincamento ao trabalho), quando excedidos ou aplicados sob a forma da coerção, numa inadequação calculada e

âmbito intelectual, encontra-se submetida aos imperativos da tecnicização, da rentabilidade e da visibilidade. [...] É como se se tratasse de reduzir a atividade filosófica [e qualquer outra ocupação] àquilo que nela é visível (a tecnicidade como garantia de seriedade) e mensurável (o número de referências)” (Barbaras, 2011, p.234). Para se contrapor a esse cenário, Barbaras concebe a figura do *amador*, “quem recusa esse movimento de profissionalização da filosofia, não no sentido da competência, mas da submissão às regras de eficiência e de rentabilidade, que são as leis do mercado” (Barbaras, 2011, p.234), inspirada em Bento Prado Júnior. O amador, ao mesmo tempo em que se dedica a refletir, não se deixa levar pelo movimento do rendimento; é o portador e executor da negatividade que o capital tenta suprimir a todo custo. Uma vez que é dúplice (diz o filósofo francês que o amador sempre está com um pé na filosofia e o outro na não-filosofia), ele introduz uma falha no sistema. Só o amador seria capaz de se cansa e de efetivamente aceitar e viver a experiência do cansaço e do fastio, constituindo então um agente e um local de resistência. Veremos mais sobre essa resistência pelo cansaço na conclusão deste artigo.

¹⁴ É importante a diferenciação proposta por Han (2015, p. 57) entre potência positiva, impotência e potência negativa: a primeira é o fazer, logo atrelada ao ato ou ação. A segunda é a incapacidade de fazer *algo*, porém ainda assim atrelada a um ato ou ação. A terceira é definida por Han, a partir de Nietzsche e, de certa maneira, Marcuse, é a “potência de dizer não”.

deliberada, agravam a doença, ou, dito de outra maneira, “se este medo for comum aos homens bons e aos maus, o estado encontrar-se-á, habitual e necessariamente, em extremo perigo” (Espinosa, TP, 2009, p.130), imperando as paixões tristes e instrumentalizando-as para o uso do tirano.

As tiranias econômicas e políticas promovem a diminuição das paixões alegres e extraem mais-valor e poder a partir do próprio adoecimento dos indivíduos, da produção constante das paixões tristes, da produção constante de sofrimento e exaustão. O cansaço, a afecção triste, a imobilidade da depressão e o adoecimento (laboral, físico e psicológico) gerados pelas cadeias de exploração e opressão são elementos que também produzem e reforçam estas mesmas cadeias, em um movimento de retroalimentação. Mergulhados no sofrimento e no cansaço, desejamos que outros (o tirano, o explorador, o parasita social) nos aliviem de tal fardo; paradoxalmente, impomos a nós mesmos um aumento sobre-humano na carga que cremos ser necessário carregar.

Ainda que por caminhos diversos, a articulação de pensadores encetada neste texto nos coloca frente à necessidade constante de buscar formas de superarmos as paixões tristes, o sofrimento e o adoecimento da alma - por meio da alegria da recusa afirmativa, da *atividade positiva de negar* o poder ao tirano e ao capital, da potência do enfrentamento à tirania e a escravidão. Retornando a Espinosa (E III, prop. XXX, 2015, p. 285)

Se alguém fez algo que imagina afetar os outros de Alegria, será afetado de Alegria conjuntamente à ideia de si como causa, ou seja, contemplará a si próprio com Alegria. Se, ao contrário, fez algo que imagina afetar os outros de Tristeza, inversamente contemplará a si próprio com tristeza.

Visto que o neoliberalismo é um modo de produção de afetos, tanto os de tipo alegre (pagar as contas, acesso a bens de consumo, cultura, segurança alimentar, dentre outras satisfações ligadas à sobrevivência imediata que são apresentadas como triunfos, ainda que muitas vezes sejam alegrias e satisfações breves) como os de tipo triste (esses em muito maior volume, pois o sistema psicossocial se organiza, nesta realidade presente, em torno da frustração pela impossibilidade de se cumprir a promessa de atingir o inatingível), o processo contínuo de acolhimento em si e para si do algoz sobre a vítima, que são a mesma pessoa, bloqueia o fluxo das paixões alegres¹⁵. Mais do que isso, constrói-se não a *ilusão social necessária* de que não

¹⁵ É preciso instaurar um circuito de paixões tristes (como a inveja, o ódio, o desprezo etc.) para que se efetive a exploração. Escreve La Boétie que “não basta que eles façam o que o tirano manda, mas que também pensem o

há saída para tais práticas, mas a de que estas práticas alienatórias são a própria saída *positiva* para a alienação que estabelecem, ideia que é validada pela própria prática, vista como a única escolha possível e justa.

O entendimento e a solução desta dinâmica do desejo tornariam *possível* a abertura de caminhos para a superação da aporia instalada a partir do sequestro do *conatus* pela lógica do desempenho? Tratar-se-ia, então, de construir uma resistência em que também os limites entre atividade e reatividade são apagados. Método que guarda uma semelhança inegável com a noção de contradiscurso de Chauí, no que diz respeito de utilizar as falhas do sistema contra ele próprio.

Observamos uma implosão do sujeito - que abriga o que destrói ao mesmo tempo em que se crê que esse elemento nocivo - motor e gatilho de sua exaustão e justificativa para uma exploração ilimitada - é também a sua vida de salvação e, socialmente falando, de validação (quando muito garante uma precária sobrevivência) - e cabe a pergunta: além da subsistência, como o sujeito cansado aceita essa situação? Por que a incrementa e defende? Por que introjeta a violência laboral e torna-se patrão de si mesmo, passa de humano a empresa¹⁶? Os indivíduos imaginam fazer aquilo que traz alegria a si – visto que se enxergam a si mesmas e mesmos como *outros*. Porém, suas ações trazem o ônus das paixões tristes sobre si e sobre as e os demais, travestidas de paixões alegres. O entendimento e a solução desta dinâmica do desejo podem abrir caminhos para a superação da aporia dada pelo sequestro do *conatus* pela lógica do desempenho.

Como já vimos no início da *Topologia da Violência* de Han, essa violência intrapsíquica não difere de uma tirania convencional. Como se dá a instituição desse jugo? A resposta nos leva mais ao passado do que ao pensamento de nosso tempo. Reportemo-nos a La Boétie. No *Discurso da Servidão Voluntária*, o moralista francês fixa como pergunta diretriz:

Como dispõe ele [o tirano] de tantas mãos para vos golpear, se não as tomadas de empréstimo a vós? Os pés com que ele esmaga as vossas cidades não são também

que ele quer, e até mesmo muitas vezes, para satisfazê-lo, que também antecipem seus próprios desejos” (La Boétie, 2022, p.41), definindo a sujeição como uma concessão de poderes. Que, ao contrário de como pensavam os contratualistas, não recompensa os súditos em nada, nem cumpre qualquer lei natural. Mais do que isso, trata-se de criar uma identificação com a tirania, não apenas mimetizando-a, mas se identificando a ela: “é preciso [que os súditos] sacrifiquem seu gosto ao dele [do tirano], que maltratam o próprio temperamento, e se despojem de sua naturalidade”. (La Boétie, 2022, p.41). Eis aí o surgimento do patrão e da empresa de si mesmo, a autoexploração e o esgotamento pelo próprio desempenho, demonstrado de outra forma, agora sob viés político.

¹⁶ “O mundo globalizado não é habitado por singularidades decididas que resistem de maneira de maneira conjunta contra o *império*, mas por egos isolados em e para si mesmos” (Han, 2017b, p.244, grifo nosso). Entenda-se aqui *império* como o conceito cunhado por Negri e Hardt na obra homônima. Ele é o próprio espaço que cria, mantém e reproduz a autoexploração, pois, em seu seio, “*cada um* está submetido ao imperativo da economia capitalista; ele não é uma classe dominante que explora a multidão como proletariado. Ao contrário, ela explora a si mesma. Negri e Hardt não percebem essa *autoexploração*” (Han, 2017b, p.243, grifos do autor). Em suma: o capitalismo neoliberal elimina até mesmo as bases primárias para que se articule uma multidão.

vossos? [...] Que mal ele poderia fazer se não fôsseis os receptadores do ladrão que vos saqueia, os cúmplices do assassino que vos mata e *traidores de vós mesmos?* (La Boétie, 2022, p.17, grifo nosso).

Nessa introjeção do patrão no empregado e na dissolução da linha divisória de papéis e funções, tal como ocorria com os tiranos da Antiguidade, o súdito busca conseguir seu favor entregando-lhe docilmente as próprias forças - o que não deixa de surpreender dentro da organização do trabalho sob o capitalismo. E tal servidão, por mais perigosa, humilhante ou instável que seja, ocorre, como diz La Boétie, por uma educação que é na verdade é um adestramento de costumes. Pois, escreve ele que “por melhor que seja o natural [o estado de liberdade], ele se perde se não for cultivado; enquanto o hábito sempre nos molda à sua própria maneira, apesar de nossas inclinações naturais” (La Boétie, 2022, p.24). Num ambiente em que as lutas sociais são constantemente garroteadas judicial e politicamente (no âmbito do Estado) e cultural e moralmente (entre os grupos e atores sociais, cada vez mais alienados, cultivados no entretenimento desinteressado, no consumo sem critérios, despolidizados, sufocados pela economia de mercado e, em muitos casos, pelas necessidades mais básicas), deve-se perguntar: qual é a via possível de luta contra esse contexto tirânico, qual é a emancipação possível a que se deve almejar?

Do patrão ilusório introjetado psiquicamente aos reais donos do capital, deve-se pensar que os tiranos só ganham sua força pela covardia e submissão dos subordinados, ou seja, trata-se de um poder que é cedido. Esse tirano, também ele acovardado e impotente, dotado de uma força que não lhe pertence originariamente, não é um adversário que seja impossível de aniquilar: paradoxalmente,

não há necessidade de combatê-lo, nem de se defender dele; ele derrota a si mesmo, uma vez que o país não consinta com a servidão. Não se trata de lhe arrancar nada, mas apenas de nada lhe dar. [...] São, portanto, os povos que se permitem, ou antes que se fazem subjugar, uma vez que ao simplesmente se recusarem a servir, eles rompem os laços” (La Boétie, 2022, p.15).

Porém, essa primeira resposta nos coloca mais dificuldades: não basta apenas a recusa do labor exaustivo, a fuga ou a mera negação, pois estamos envolvidos num sistema totalizador e o que está em jogo são as condições mais primárias, quase vegetativas, da sobrevivência e da existência.

Não nos fiemos em utopias. Para a luta dupla contra os abusos laborais, contra corpos cansados e mentes deprimidas, fadiga extrema e paixões tristes, verificamos o primeiro obstáculo no fato de que o neoliberalismo vence o *conatus* pelo cansaço pois não há tempo para crescimento das paixões alegres. Numa situação de vítima e algoz ao mesmo tempo, não se desenvolvem paixões alegres. A saída oferecida pela filosofia de Han não é o ludismo ou a resistência agressiva, mas o uso do cansaço contra ele mesmo - o empregado cansado rende

menos, trabalha menos, age devagar, comete erros, frustra metas, quebra o ritmo das equipes, irrita supervisores, atrasa o funcionamento geral da cadeia produtiva. Trata-se, por um lado, de negar ao patrão (tanto interno quanto externo) a sua exigência absurda, e de também corroer seu poder coercitivo de pressionar e acelerar a produção. Uma resistência pela finitude dos sujeitos em sua natureza modal. *A negatividade em “positiva-ação”*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007
- ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: EdUnesp, 2020
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Aspects of Sociology*. Boston: Beacon Press, 1973
- BARBARAS, Renaud. *Investigações Fenomenológicas: Em direção a uma fenomenologia da vida*. Ed. Leandro Neves Cardim. Curitiba: EdUFPR, 2011.
- CHAUI, Marilena. *Contra a Servidão Voluntária*. Coleção Escritos de Marilena Chaui, vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2013
- CHAUI, Marilena. Ideologia e educação. *Educ. Pesqui.*, SP, v.42, n.1, p.245-257, jan-mar/2016
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol 1. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2017
- ESPINOSA, Benedictus de. *Ética*. Trad. de Grupo de Estudos Espinosanos da USP, coord. de Marilena Chaui. São Paulo: Edusp, 2015.
- ESPINOSA, Benedictus de. *Tratado Político*. Trad. de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009
- ESPINOSA, Benedictus de. *Tratado Teológico-Político*. Trad. Diogo Pires Aurelio. 2a. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HAN, Byung-Chul. *A Agonia do Eros*. Trad. de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.
- HAN, Byung-Chul. *A Sociedade do Cansaço*. Trad. de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015
- HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Trad. de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- LA BOÉTIE, Étienne de. *O discurso da servidão voluntária, ou, O contra um*. Trad. de Bruno Gambarotto. Petrópolis: Vozes, 2022.
- MELVILLE, Hermann. *Bartleby, o escrivão*. Posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Ubu, 2017.
- UMA PONTE PARA O FUTURO. São Paulo: PMDB/Fundação Ulysses Guimarães, 2015.